

A UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS DE DEFESA PESSOAL PARA UM PELOTÃO FUZILEIRO A SEREM DESENCADEADOS NO COMBATE APROXIMADO

2º Sgt Inf Silvio dos Anjos Freitas

2º Sgt Inf Rafael Carvalho Lopes

2º Sgt Inf Johnny de Almeida Santana

2º Sgt Cav Roberto Takashi Galdo Otani

2º Sgt Art Vitor da Silva Marques

2º Sgt Com Eduardo Rabelo de Paula

Projeto interdisciplinar apresentando por término de Curso do CAS, na Escola de Aperfeiçoamento de Sargento das Armas.

Orientador: 1º Ten Felipe Pinto dos Santos

1. INTRODUÇÃO

As técnicas de defesa pessoal historicamente trazem em seu contexto a solução para o embate entre dois indivíduos ou para fazer cessar uma agressão. São oriundas das artes marciais que por sua vez aprimoraram-se e hoje, praticamente, todas as técnicas de luta em defesa da própria pessoa advêm de algum tipo de arte marcial.

Esse assunto muito foi explorado pelo cinema em Hollywood e continua em voga com os eventos de Mixed Martial Arts

(MMA). Nos filmes, o mocinho sempre é dotado de uma notável técnica de luta. Muitos desses filmes e séries mostram elementos de unidades militares, geralmente das forças armadas americanas, sendo possuidores de conhecimentos inigualáveis de técnicas marciais necessárias a sua própria defesa como também no cumprimento de uma missão.

Segundo Soares (2002), o deus Greco-romano Marte, cultuado pelos guerreiros desta época, era possuidor de técnicas de batalha. Assim sendo, sua arte foi passada aos mortais, que passou a ser chamada de

Artes Marciais.

Não se sabe ao certo quando e onde as artes marciais surgiram, mas sua história remonta os templos budistas há 5000 a.C. Os monges praticavam meditação horas a fio e treinavam movimentos corporais chamado de Vajramushti que em Sânscrito significa Punho Real. Os monges seguiam diversas trilhas rumo às suas meditações e afazeres, em alguns casos se deparavam com ladrões e faziam uso do Vajramushti.

Com o passar do tempo, de acordo com SOARES (2007), o Vajramushti fundiu-se com outras práticas corporais e variantes destes movimentos. Essa prática deu origem aos diversos tipos de luta que hoje podemos ter contato como o jiu-jitsu, o caratê, o judô, o aikidô, etc. Todas essas artes contribuíram com a formação dos antigos samurais, como sistema de luta e autodefesa, difundindo-se na casta guerreira feudal japonesa.

O mundo evoluiu e com a tecnologia surgiram as armas de fogo. As artes marciais acabaram por cair em desuso nos campos de batalha, pois o combate agora se tornou distante e por vezes não se chega a ter contato direto com o inimigo. Seria o fim dessas técnicas de lutas? Como bem sabemos hoje, claro que não. Os mestres destas artes a desenvolveram de maneira a se tornar uma filosofia de vida, códigos de conduta, religião, trilha, caminho moral que o indivíduo escolhe para seguir com conduta correta. A procura cada vez mais pela perfeição destas artes, que primam por uma filosofia de paz, tem se tornado notável.

Com os novos cenários de guerras, onde o combate em localidade é quase uma certeza, os controles de turbas, protestos violentos com engajamento direto com as forças adversas, novamente têm o contato próximo. As armas de fogo podem causar baixas em civis se largamente usadas. Entra novamente em cena a figura do combatente especializado também em técnicas de defesa pessoal. As artes marciais estão, obviamente, intrinsecamente ligadas ao contexto da guerra, seja ela regular ou

irregular.

Com base nesse tipo de combate moderno, diversas nações têm desenvolvido programas voltados ao treinamento de seu militar utilizando as técnicas de defesa pessoal, um engajamento corpo a corpo com o inimigo. Como exemplo, podemos citar o treinamento dos Fuzileiros Navais Americano e das Forças de Defesa de Israel.

No Brasil, as artes marciais tem como ponto de partida a capoeira, uma dança africana trazida pelos escravos no período colonial e, que logo transformada em luta, numa maneira dos escravos se defenderem de seus algozes. É uma luta legitimamente brasileira. Foi utilizada por negros incorporados na Marinha na formação do Batalhão de Zuavos na Guerra do Paraguai.

O Exército Brasileiro possui o manual C 20-50, a fim de regular suas instruções de lutas na força, mas apesar de possuir uma diretriz tratando do assunto, dado o cenário atual, esse manual pouco é conhecido por seus militares. Tal atividade traz não só o preparo do combatente para bem desempenhar suas funções, mas também motivação profissional, aquisição de habilidades motoras e desenvolvimento da aptidão física.

O presente estudo visa salientar a importância das técnicas de defesa pessoal para tropas de fuzileiros no combate aproximado, dado o contexto dos novos conflitos; fazer uma comparação com outras forças de segurança que as utilizam; fazer uma observação das técnicas que são utilizadas nas operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO); ver o que diz o C 20-50 sobre o tema e como as Artes Marciais deveriam tomar maior escopo no treinamento dos militares do EB.

O problema que queremos apresentar, e, possivelmente encontrar alguma solução, está relacionado ao fato que no Exército Brasileiro as lutas corporais não têm as suas devidas atenções. Para melhor desenvolver esta pesquisa o trabalho será dividido em seis capítulos: a) As técnicas de defesa pessoal utilizada pelos Fuzilei-

ros Navais Americano (USMC); b) As técnicas de defesa pessoal utilizada pela Força de Defesa de Israel; c) As técnicas utilizadas nas operações de GLO; d) No quinto capítulo veremos o que diz o nosso C 20-50 sobre o assunto e seu uso; e) No sexto capítulo vamos abordar qual importância o Exército Brasileiro tem dado ao assunto; f) No sétimo capítulo, finalmente faremos as nossas considerações finais.

2. PROGRAMA DE ARTES MARCIAIS DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS AMERICANO

A missão do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos em combate é destruir o inimigo, pelo fogo e manobra, assalto pelo fogo e combate corpo a corpo. Os fuzileiros navais dos Estados Unidos (Marines) sempre foram temidos por sua agressividade e sua falta de medo de tudo ao seu redor, não importa o ambiente, o inimigo ou a tarefa que lhe for atribuída.

O Programa de Artes Marciais do Corpo de Fuzileiros Navais Americanos (MCMAP) passou por grandes transformações ao longo dos anos. O Corpo de Fuzileiros Navais nasceu durante as batalhas que criaram o seu país sobre as experiências dos primeiros fuzileiros navais. Dessa forma, eles têm desenvolvido um programa de artes marciais inigualável no mundo hoje. Este legado inclui não só a sua luta como também o caráter e a alma do que nos torna únicos como Marines.

Começando com os fuzileiros navais continentais que eram conhecidos como atiradores de elite no aparelhamento de na-

vios de guerra, às suas habilidades como embarque e desembarque, espada, e baionetas eram as ferramentas de seu comércio. Marines têm continuado a desenvolver e aprimorar suas habilidades através dos anos. Antes e durante a I Guerra Mundial, a habilidade da baioneta foi suplementada com o primeiro treinamento em técnicas desarmadas para enfrentar os desafios da guerra de trincheira. Marines como Drexel Biddle desenvolveu e ensinou baioneta e técnicas de combate corpo a corpo com base na esgrima, boxe e wrestling. Durante os anos entre-guerras, alguns Marines procuraram trabalhar em técnicas que visavam aprimorar e desenvolver programas eficazes de combate aproximado para as suas unidades. Muitos destes homens foram influenciados por suas experiências, enquanto estacionados com a China Marines em Xangai. Essa influência incluiu as técnicas de Fairbairn e Sykes (CORBIN, 2015 Tradução nossa)¹.

Figura 1 – Marines praticando técnicas com baioneta.



¹ Beginning with the Continental Marines who were renowned as sharpshooters in the rigging of Naval Ships, to their skills as boarding and landing parties where the rifle, sword, and bayonets were the tools of their trade. Marines have continued to develop and hone their skills through the years. Prior to and during World War I, the skill of the bayonet was supplemented with the first training in unarmed techniques to meet the challenges of trench Warfare. Marines such as Drexel Biddle developed and taught bayonet and close combat techniques based upon fencing, boxing and wrestling. During the inter-war years, Major Biddle and others such as Lieutenants Yeaton, Moore, and Taxis, Captains W.M. Greene and Samuel B. Griffith all trained Marines and worked on developing effective programs for their units. Many of these men were influenced by their experiences while stationed with China Marines in Shanghai. This influence included the techniques of Fairbairn and Sykes.

2.1. VALORES E LIDERANÇA

A liderança e os valores centrais de treinamento, que são a marca dos Marines hoje, foram desenvolvidos juntamente com as habilidades marciais. Guiada por líderes, o Corpo de Fuzileiros Navais desenvolveu um espírito que hoje se conhece como honra, coragem e compromisso.

Esta formação continuou a evoluir até a Segunda Guerra Mundial. Aqueles que haviam ensinado os anos entre guerras foram apensados por fuzileiros navais, tais como o capitão Stephen Stavers e Corporal John J. Styers. Como a Segunda Guerra Mundial estourou em cima das Corps, indivíduos e unidades estavam desenvolvendo formação especializada com base nas experiências dos Marines dos anos entre-guerras, isso inclui a exposição por fuzileiros navais que estavam estacionados no exterior, que tiveram a oportunidade de estudar sistemas de artes marciais do Extremo Oriente tais como judô, karatê, e jujitsu. Além disso, as técnicas do Major Dermot O'Neill e Tenente-coronel Rex Applegate foram introduzidos para unidades marinhas e todas elas foram empregadas por fuzileiros navais durante as Campanhas de ilha em ilha. Além disso, a rápida expansão do Corpo de Fuzileiros Navais viu um refinamento aos nossos programas de caráter e liderança (CORBIN, 2015 Tradução nossa)¹.

Após a Guerra do Vietnã o Corpo de Fuzileiros Navais sentiu que seria interessante fazer mudanças e desenvolver um novo sistema de artes marciais. Em 1980, o Corpo de Fuzileiros Navais desenvolveu o Sistema de LINE (Linear Infighting Neurological Overriding Engagement). O Sis-

tema de Linha foi uma resposta a um entendimento da necessidade de um sistema de combate corpo a corpo padronizado, foi um passo importante na evolução da arte marcial adotada pelos Marines. O conceito do sistema de LINE era que, quando atacasse o defensor, iria destruí-lo através da manipulação de articulações, quebrando articulações e nervos prejudiciais do inimigo. A dor que foi infligida ao inimigo faria com que seu sistema nervoso central entrasse em colapso, interrompendo todo o processo de pensamento contínuo.

O LINE e seus descendentes continuaram a crescer e se desenvolver ao longo dos últimos 20 anos. Em 1996, uma revisão do sistema foi realizada chegando à conclusão que ele foi eficaz nas lições aprendidas. Porém, com a constante mudança nas operações de combate do Corpo de Fuzileiros Navais para Missões de não-guerra (MOTW) e missões de manutenção da paz, houve a necessidade de um novo sistema que se adaptasse a diferentes situações. A Marinha não iria neutralizar um potencial conflito em tempo de paz da mesma forma que ele faria em um ambiente de combate hostil. General Jones o Comandante do Corpo de Fuzileiros Navais, na época, deu ordens específicas sobre sua visão de um programa de combate à arte marcial, assim como outros programas fora do Corpo de Fuzileiros Navais que melhor se adequam às necessidades do Corps. General Jones queria um Programa de Artes Marciais de Combate que pode ser usado em qualquer ambiente, terreno, ou situação. Ele queria algo que pudesse manter a natureza competitiva dos Marines abastecida. Sua visão era ter Marines qualificados em diferentes níveis técnicos de combate corpo a cor-

2 This Training continued to evolve up to World War II. Those who had taught the inter-war years were joined by Marines such as Captain Stephen Stavers and Corporal John J. Styers. As World War II burst upon the Corps, individuals and units were developing specialized training based upon the experiences of Marines from the inter-war years, this included exposure by Marines that were stationed overseas, who had the opportunity to study far eastern martial arts systems such as judo, karate, and jujitsu. Additionally, the techniques of Major Dermot O'Neill and Lieutenant Colonel Rex Applegate were introduced to Marine units and all of these were employed by Marines during the Island Hopping Campaigns. Additionally, the rapid expansion of the Marine Corps saw a refinement to our character and leadership programs.

po. General Jones escolheu 10 especialistas no assunto de várias disciplinas de artes marciais para desenvolver o Marine Corps Close Combat Program atualmente utilizado pelo Corpo de Fuzileiros Navais. A partir deste teste e avaliação, esse é o programa de arte marcial usado atualmente pelo Corpo de Fuzileiros Navais (CORBIN, 2015, tradução nossa)³.

2.2. O PROGRAMA MARINES CORPS

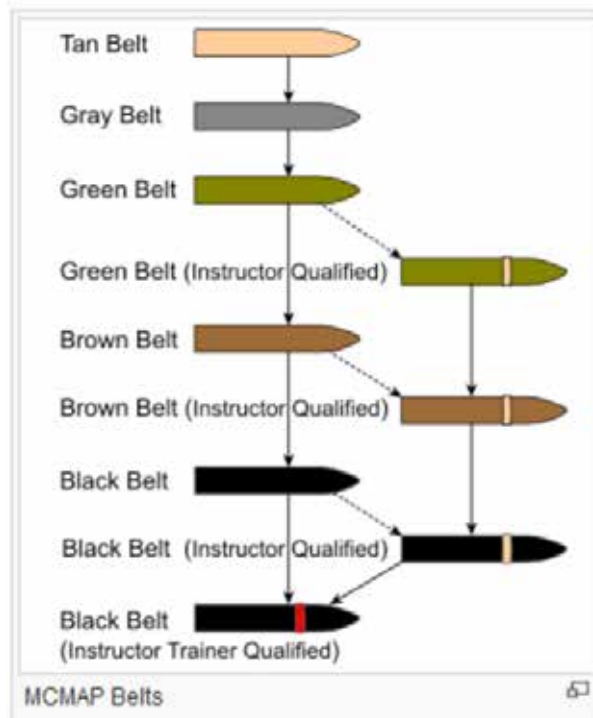
A partir de 2001, o Corpo de Fuzileiros Navais oferece um programa abrangente de artes marciais que mescla técnicas novas e antigas de combate corpo a corpo e de combate baseada em armas. O programa é chamado de Marine Corps Martial Art Program (MCMAP) e inclui combate desarmado, armas de oportunidade, as técnicas de baioneta, técnicas de fuzil e armas afiadas.

O MCMAP emprega um sistema de cintos para diferenciar os níveis de treinamento. Os cintos são: tan para fundamentos defensivos básicos; cinza para técnicas defensivas iniciante avançado; verde para o início de manobras ofensivas; marrom para as técnicas de baioneta avançada e faca, lança, o desarmamento de armas de fogo e retenção e luta de chão; faixa preta primeiro grau para baioneta e faca técnicas avançadas, a luta no chão, pontos de pressão, armas improvisadas, engasga, detém e lança; e segundo grau do cinturão negro para rifle contra rifle, desarmado

contra fuzil e arma curta contra técnicas de fuzil, de acordo com o Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

Além de combater, a formação em téc-

Figura 2 - Estrutura e sistema de cintos do MCMAP



nicas de combate específicas, após o sistema de cintos, fuzileiros navais são treinados em força física geral e condicionamento. Os testes de treinamento de força e resistência base são combinados com a sobrevivência na água e formação em terrenos acidentados para criar um lutador Marine completo.

³ The LINE and its descendants continue to grow and develop over the past 20 years. In 1996, a review of the LINE system was conducted on how effective it was from lessons learned and due to the mission of the Marine Corps constantly changing from high tempo combat operations to Missions Other Than War (MOTW), and peace keeping missions, there was need for a new system that would adapt to different situations. A Marine would not defuse a potential conflict in peacetime the same way that he would in a hostile combat environment. General Jones the Commandant of the Marine Corps at that time, gave specific orders on his vision of a Martial Art Combat Program, as well as other programs outside the Marine Corps that would best fit the needs of the Corps. General Jones wanted a martial art program that could be used in any environment, terrain, or situation. His vision was also was that he wanted something that would keep the Marine natural competitive nature fueled. His vision was to have Marines qualify for different belt rankings from Tan, Grey, Green, Brown, and Black. General Jones chose 10 subject matter experts from numerous martial arts disciplines to develop the Marine Corps Close Combat Program currently used by the Marine Corps. From this testing and evaluation is the result of the martial art program currently used by the Marine Corps today.

2.3. RESULTADOS ALCANÇADOS

O objetivo final do treinamento de luta MCMAP é atingir um equilíbrio entre o treinamento físico e mental para criar um indivíduo combatente completo. Grande parte do treinamento centra-se em inculcar valores, respeito, disciplina, força e patriotismo. A integração horizontal de todas essas habilidades não existia antes do programa MCMAP. Contudo, seu objetivo não é a defesa pessoal ou o exercício físico, e sim a morte do adversário.

Conclui-se que ao se comparar o MCMAP com as técnicas utilizadas pelo Exército Brasileiro encontra-se uma discrepância entre a sistematização dos treinamentos

Figura 3 - Treinamento Baseado no Manual C20-50.



e os tipos de artes marciais empregadas. Pressupõe-se, então, que o Exército Brasileiro ainda não dá a devida atenção aos seus homens quanto ao preparo para o combate corpo a corpo. Isso porque não sistematiza o treinamento em artes marciais do seu efetivo pessoal como um todo.

3. KRAV MAGÁ E O EXÉRCITO DE ISRAEL

Nascido em meados da década de 40, o Krav Magá foi criado pelo eslovaco Imi Lichtenfeld e etimologicamente quer dizer “combate aproximado”, rapidamente, já em 1.948, tornou-se filosofia de defesa adotada pela elite militar israelense, mas em 1964, foi estendido o ensino aos demais militares e a população civil de Israel.

Pela situação em que foi criado - diante da necessidade básica de se manter vivo, em meio à guerra, à violência e à morte - o Krav Magá se adaptou perfeitamente ao militarismo por suas peculiaridades. Não é uma arte marcial, mas sim uma técnica de defesa pessoal sem plástica que visa unicamente manter o seu utilizador a salvo e incapacitar qualquer ameaça utilizando todos os meios disponíveis. Não há regras para a prática, homens e mulheres recebem o mesmo treinamento e não há necessidade de qualquer uniforme ou equipamento para praticá-la.

Hoje, todos os soldados das Forças de Defesa de Israel, incluindo todas as Unidades de Forças Especiais Israelenses, aprendem Krav Magá como parte de seu treinamento básico. Também é utilizado pela Polícia de Israel, pela inteligência e por todas as Divisões de Segurança.

Não se espera que o Exército assuma a responsabilidade do domínio prático sobre uma arte marcial ou arte de defesa pessoal como é chamado o Krav Maga. Relatos mostram que nem mesmo um exército experimentado em guerra, com soldados experimentados em combate como o de Israel, consegue deixar todos aptos no combate desarmado. É uma questão que envolve muitos fatores como a pré-disposição do indivíduo a prática da luta, um programa de treinamento intensivo e a própria escolha das técnicas a serem utilizadas. É comum soldados israelenses sofrerem ataques por armas brancas ou golpes dos mais diversos objetos. Assim, o Krav Magá se mostra útil, pois o homem, a ponta da linha, sente a necessidade de ter um últi-

mo recurso no combate urbano que vive constantemente.

4. O USO DAS TÉCNICAS ESPECIAIS NAS OPERAÇÕES DE GARANTIA DA LEI E DA ORDEM (GLO)

A Garantia da Lei da Ordem (GLO) é aplicada com a necessidade de assegurar o cumprimento da lei e a manutenção da ordem pública. É de extrema importância para a tropa que for aplicar esta operação estar com o respaldo constitucional e respeitar as leis que houver.

Apesar de o militar ter uma formação tradicional direcionada para a guerra, onde as pessoas envolvidas são vistas como “amigos” e “inimigos”. Em um cenário urbano onde será aplicada a GLO, as características são bem diferentes como a presença de mulheres, de crianças e de idosos, dificultando assim as atividades. Mediante este cenário introduziu-se algumas adaptações como, por exemplo, nos equipamentos e nas atitudes. Em relação aos equipamentos, no primeiro podemos citar os armamentos, que saem de cena os letais e entram os não letais, como os lançadores de granadas lacrimogêneas, munições calibre 12 de borracha e spray de pimenta. Já no segundo, ocorre uma mudança na preparação da tropa, modificando sua atitude e implementando as técnicas de defesa pessoal, pois, mesmo com armamentos não letais, em diversas situações não poderão ser empregados, como por exemplo, naqueles momentos em que visa evitar os efeitos colaterais nas pessoas abordadas.

São utilizadas na defesa pessoal as técnicas de imobilização e de proteção do armamento oriundos do Krav Magá, que é uma forma de combate com origem em Israel com o objetivo de capturar o indivíduo sem danos colaterais.

O constante treinamento das técnicas de combate corpo a corpo é essencial para que o militar possa aplicar o que aprendeu com facilidade, executando movimentos naturais. Podemos considerar também

que na Publicação “Garantia da Lei e da Ordem-MD 33-M-10”, p. 33, “O preparo compreende, entre outras, as atividades permanentes de planejamento, organização e articulação, instrução e adestramento, desenvolvimento das doutrinas específicas, inteligência e logística”.

Os adestramentos devem ser em cenários similares aos que possam ser encontrados no dia a dia, com isso o stress produzido nos treinamentos será semelhante ao da realidade, permitindo assim com que o militar tenha uma maior facilidade em aplicar as técnicas aprendidas nas situações reais, preservando a segurança e a eficiência.

5. O QUE DIZ O NOSSO C 20-50 SOBRE O ASSUNTO E SEU USO

O Manual de Campanha C 20-50: Treinamento Físico Militar – Lutas traz em sua 3ª edição do ano de 2002, uma excelente técnica de aprendizagem. Muito embora ignorada pelas nossas organizações militares, este manual é uma excelente ferramenta para o treinamento das técnicas de defesa pessoal e de sobrevivência em situações de conflito.

Este tema é muito atual e nosso Exército, que passa por uma transformação, não pode deixar seus homens que atuarão nas linhas de frente em Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) sem o adequado treinamento nessas técnicas. Nesse pensamento podemos perceber que o militar capacitado com essas técnicas de lutas torna-se mais uma arma não letal, empregando de maneira proporcional à força para imobilizar, defender-se ou realizar uma prisão sem precisar recorrer a algum armamento letal. Tal situação cabe muito bem nesse novo cenário de protestos violentos que o nosso país vive.

Nosso manual, no seu primeiro artigo, explica a finalidade, o objetivo e a necessidade do treinamento de lutas por parte dos militares; por desempenharem funções que são peculiares à profissão.

FINALIDADE DO MANUAL:

O presente manual estabelece bases e fornece elementos para organizar e conduzir o treinamento de todas as formas de ataque e defesa, em um combate corpo a corpo.

OBJETIVOS DO TREINAMENTO:

O treinamento do combate corpo a corpo visa capacitar o militar a defender-se contra agressões, com ou sem armas, e atacar a mãos livres, ou com arma branca, o seu oponente, desenvolvendo, assim, seu poder de combatividade, aperfeiçoando suas habilidades naturais e aumentando a rapidez de seus reflexos.

NECESSIDADE DO TREINAMENTO:

O combatente é geralmente treinado para fazer uso de suas armas de fogo, delas dependendo todas as suas ações. Não as possuindo, poderá deixar de cumprir sua missão, caso não tenha sido adestrado para o combate corpo a corpo. Para que os homens tenham confiança nas técnicas e para que as mesmas sejam eficientes, é necessária a prática constante, a fim de que os movimentos, pelas suas repetições, se tornem atos reflexos (C 20 50, 2002, p. 1-1).

O uso dessas técnicas no combate convencional, como nas operações ofensivas e defensivas, acaba por ser muito pequena. Por ser um tipo de combate que exige um poder de fogo muito superior ao inimigo, mas mesmo assim não é dispensável o seu treinamento para esse tipo de operação; pois serve até mesmo para ter um bom treinamento físico, autodisciplina, conhecimento do seu corpo e de suas capacidades.

No entanto, o uso do manual C 20-50 se dá mais no atual contexto, visto que a guerra convencional não é mais uma realidade; tem poucas chances de ocorrer. Porém, o mesmo já não pode ser dito das Operações de Apoio aos Órgãos Governamentais e as Operações de Pacificação que constantemente estão surgindo, que evidenciam muito o preparo dos militares que estarão atuando nessas operações.

Com bastantes ilustrações e bem didático o C 20-50 propõe treinamento de forma bem gradativa, ensinando desde como fazer uma boa base para a luta, educativos de quedas, imobilizações, passando

por golpes traumáticos aplicados somente com os punhos ou pés, até a defesa e ataque com armas brancas e defesa contra armas de fogo.

Podemos, então, perceber que se trata de uma literatura totalmente voltada para o condicionamento do militar em técnicas de defesa já testadas e aprovadas por algumas das melhores forças militares de todo o mundo. O manual, como já foi dito, é bastante didático e autoexplicativo: são as misturas de várias artes marciais já usadas pelo mundo como é discriminado no capítulo II.

O presente método de ataque e defesa corpo a corpo utiliza técnicas de diferentes modalidades de luta, tais como Judô, Karatê, Boxe e Aikidô, atendendo ao grau normal de capacidade física do nosso homem. Esse método procura proteger o praticante, evitando quedas e golpes perigosos, tendo em vista que, em sua execução, o instruído faz tanto o papel de defensor como o de atacante. A aplicação do método não necessita de especialistas e, sim, de instrutores e monitores com uma formação básica, complementada por desenhos e explicações contidas neste manual (C 20 50, 2002, p. 1-2).

Nosso sistema de aprendizagem é muito bom, diz também que as sessões devem acontecer periodicamente até que se obtenha um rendimento mínimo aceitável para a instrução básica. O problema é exatamente este, depois não há mais previsão da manutenção deste treinamento que

Figura 4 - Instrução de lutas das Forças Armadas.



Figura 5 - Estágio de Luta das Forças Armadas.



acaba caindo no esquecimento.

Há algumas iniciativas louváveis de algumas OM em procurar profissionais da área de defesa pessoal e ministrar um estágio de lutas (Figura 04), ou mesmo manter as instruções de lutas ao longo do ano (Figura 05). Infelizmente, não deveria ser exceção, mas sim a regra.

6. A IMPORTÂNCIA QUE O EXÉRCITO BRASILEIRO TEM DADO AO ASSUNTO

Para começar vamos ver o que prevê o manual de Campanha C 20-50 Lutas, em sua 3ª edição de 2002, que é a referência no Exército Brasileiro para o combate corpo a corpo. Ele traz métodos de ataque e defesa de diferentes Artes Marciais tais como o Judô, Karatê e Aikidô. A prática de Artes Marciais no Exército está aliada à programação do Treinamento Físico Militar (TFM).

O número de sessões por semana dependerá da programação do TFM[...]. Relevante afirmar que o próprio manual afirma que: “[...] imprescindível que se pratique tais técnicas toda semana, visando estar o homem sempre apto a empregá-las em situação real (C20-50, 2002, p10).

Mas não é isso que vemos na prática nas OM, sempre são ministradas instruções muito superficiais sobre técnicas de lutas no período básico conforme PPB:

17. LUTAS TEMPO ESTIMADO DIURNO: 6 h (OII) OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO TAREFA CONDI-

ÇÕES PADRÃO MÍNIMO SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS ASSUNTOS B- 101 (CF) Desenvolver a capacidade de executar os movimentos em uma sessão de lutas As condições são as previstas no C 20-50. Todas as atividades deverão ser precedidas de demonstração e realizadas de forma gradual. (este OII poderá ser complementada na Matéria TFM) O militar deverá realizar corretamente os movimentos descritos no C 20-50 De acordo com o C 20-50 e PIM. 1. A Sessão de Lutas: a. aquecimento; b. trabalho principal; e c. volta à calma (PPB/2 2010, p. 46).

6.1. A DEFESA PESSOAL E O COMBATE CORPO A CORPO

Independentemente das várias modalidades ou sistemas de defesa pessoal que se possam enumerar, é possível encontrar um ponto comum a todos eles, que se traduz também no objetivo principal para todas essas disciplinas. Ele não é, senão, a preservação da vida e o garantir da sobrevivência do indivíduo. A defesa pessoal não se traduz simplesmente na aprendizagem e aplicação de certo número de movimentos ou técnicas de combate. Esta implica um conhecimento das capacidades individuais, desenvolvimento da autoconfiança e autodisciplina, e também passa pela percepção e análise constante do meio envolvente, para evitar o risco e reagir da forma mais adequada a possíveis situações de risco. Tegner argumenta que:

A defesa pessoal é a preparação para minimizar o risco de agressão, envolvendo também aprendizagem e emprego de ações físicas apropriadas quando não há alternativa às mesmas. Ele conclui que é o processo de aprender a evitar tornar-se uma vítima, em contraste à ideia de que defesa pessoal é o processo de aprendizagem com vista a atingir uma elevada proficiência em técnicas de combate (TEGNER, 1965, p. n/d).

O objetivo de inserir técnicas de defesa pessoal para o pelotão de fuzileiros do Exército Brasileiro se torna cada vez mais importante, uma vez que nossas tropas são empregadas cada vez mais em Garan-

tia da Lei e da Ordem. Por ter que agir conforme a proporcionalidade se torna muito importante que nosso efetivo procure constante aperfeiçoamento e melhoria de toda a estrutura de ensino e tempo voltado às técnicas de defesa pessoal. A defesa pessoal é a área em que o treino é aproximado a situações reais. O nosso efetivo é preparado para situações que surjam no decorrer de missões reais, e esse treinamento poderá salvar a vida do soldado. É através desse mesmo treino que se procura dotar os soldados de um conjunto de capacidades físicas e mentais, tais como a autoconfiança, motivação, espírito de corpo, desembaraço físico, conhecimento das suas limitações, entre outras, que lhes vão permitir melhor lidar com situações e acontecimentos que possam colocar em risco a sua integridade física.

6.2. ASSIM AS PRINCIPAIS RECOMENDAÇÕES SÃO AS SEGUINTE

- Investir em estruturas, instalações, materiais necessários para o adestramento e especialização dos instrutores;
- Inserir em Quadro de trabalho semanal tempos destinados exclusivamente para prática de defesa pessoal;
- Desenvolver um programa de ensino em defesa pessoal progressivo, por um período mínimo de dois anos, que permita aos soldados melhorar gradualmente as suas capacidades;
- Fazer uma aposta numa só modalidade de forma que o soldado no passar do tempo possa dominar a técnicas de defesa pessoal que for escolhida.

6.2.1. SUGESTÃO DE MODALIDADE

A Sugestão de modalidade do presente trabalho foi o Krav Magá, não só porque é praticado por forças militares e policiais por todo o mundo mas por este não ser um desporto, mas um sistema de defesa pessoal e combate corpo a corpo que dá ên-

fase: à luta desarmada, à luta com facas, bastões, pistolas e espingardas. Neste, praticam-se também as situações o mais próximo da realidade, fazendo uso de armas improvisadas a partir de objetos do dia a dia.

No final de cada ano de instrução deveriam os soldados fazer provas, para obter algum tipo de graduação ou brevês contendo níveis do mais baixo ao mais alto nível de adestramento que os acreditasse como praticantes e conhecedores deste tipo de técnica. Esta seria também uma forma eficaz de, no final da formação, poder avaliar o desempenho dos mesmos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O militar deverá ser treinado para fazer uso de técnicas de defesa pessoal, delas dependendo muitas vezes o sucesso das suas ações para a defesa e manutenção de sua integridade física. Não possuindo e não dominando a técnica de defesa pessoal necessária, poderá colocar em risco o próprio cumprimento de qualquer missão da qual seja responsável. Para que o indivíduo adquira a confiança e eficiência necessárias, torna-se fundamental a prática constante, com a finalidade de saber aplicar a técnica adequada a cada situação particular.

As atividades físicas que visam dotar o militar de capacidade para, se necessário, travar o combate corpo a corpo, através do treino específico de técnicas de ataque e defesa, o habilitam para identificar os pontos vulneráveis do adversário. Além de poderem executar as formas de ataque, identificarem os pontos vulneráveis e conhecerem os efeitos causados por esses ataques. Também de defender-se de agressões à mão armada ou por adversário desarmado, protegendo os seus próprios pontos vulneráveis.

Não podemos almejar que nosso exército, em sua totalidade, tenha domínio prático sobre uma arte marcial ou arte de defesa pessoal. Porém muitos relatos mostram que nem mesmo um exército experimen-

tado em guerra, com soldados experimentados em combate como o de Israel, consegue deixar todos aptos no combate desarmado. É uma questão que envolve muitos fatores como a pré-disposição do indivíduo à prática da luta, um programa de treinamento intensivo e a própria escolha das técnicas a serem utilizadas.

Perceber que essas técnicas influenciam na melhoria da condição física e mental do combatente, proporcionando-lhe um desenvolvimento das capacidades de reação em situação de combate corpo a corpo ou no desempenho de missões que necessitam de habilidades corporais de defesa e ataque com ou sem armas.

8. REFERÊNCIAS

CORBIN, Mack. **History of the Marine Corps Martial Art Program. Fight Times.** Disponível em: <https://magazine.fighttimes.com/marine-corps-martial-art-program/>. Acesso em 27 out. 2015.

http://www.EFDEPORTES.com/EFD140/ARTES-MARCIAIS-NO-EXERCITO-UMA_ANALISE-HISTORIA.HTM. Acesso em 09 de out. 2015.

LICHTENSTEIN, Kobi. Krav Mag – **A filosofia da defesa israelense.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, **Manual de Campanha - C 20-50.** Treinamento físico militar – Lutas 3ª ed. Brasília, 2002.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Garantia da Lei e da Ordem. MD33-M-10** 1ªed. Brasília, 2013.

PPB/2 2010. **Formação Básica do Combatente.** 6ªed. 2010.

SOARES, J. G. G. **Dicionário Técnico das Artes Marciais Japonesas.** Ícone São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd140/artes-marciais>.

TEGNER, Bruce. **Defesa pessoal para briga de rua.** Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965.